

Capítulo 8 – Tempo, espaço, comprimidos: a comunicação de suplementos nutricionais como ética tecnomedicamentosa da condição pós-moderna

Marília Duque
Luiz Peres-Neto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

DUQUE, M., and PEREZ-NETO, L. Tempo, espaço, comprimidos: a comunicação de suplementos nutricionais como ética tecnomedicamentosa da condição pós-moderna. In: CARVALHO, M. C. V. S., CAMPOS, F. M., and KRAEMER, F. B., eds. *Tecnologias sociais e de comunicação como recursos educacionais em alimentação* [online]. Salvador: EDUFBA, 2020, pp. 207-228. ISBN: 978-65-5630-198-3. <http://doi.org/10.7476/9786556301983.0010>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

TEMPO, ESPAÇO, COMPRIMIDOS: A COMUNICAÇÃO DE SUPLEMENTOS NUTRICIONAIS COMO ÉTICA TECNO- MEDICAMENTOSA DA CONDIÇÃO PÓS-MODERNA

MARÍLIA DUQUE
LUIZ PERES-NETO

INTRODUÇÃO AO MAL-ESTAR

Este trabalho parte do *a priori* de que a forma de capitalismo atual, impulsionada pelas novas tecnologias, resulta em uma compressão espaço-temporal que exige do corpo uma performance sobre-humana e *always-on*. Mais do que isso, essa performance é apresentada midiaticamente como algo não só normal, mas ético, como se fosse ao mesmo tempo um estado e uma conduta natural, de bem e desejável. Essa conduta é ofertada como um estilo de vida saudável e também bem-sucedido que naturaliza o normativo (HIGGS et al., 2009), convocando o indivíduo para consumos que visam corrigir o corpo para a manutenção da performance produtiva: no envelhecer, no sexo, mas principalmente no trabalho. Neste mercado que se abre, interessa-nos particularmente as circunstâncias nas quais comunicações de suplementos nutricionais, enfocadas desde uma ética medicamentosa, entendida como uma prescrição impositiva ao bem-estar, estão relacionadas com a condição pós-moderna.

Como recorte, elegemos os comprimidos (pílulas) como objeto pivotal para este ensaio, quer em nossa discussão teórica, quer também para a incursão empírica que realizamos. Operamos na ambiguidade do

termo. Em uma primeira leitura, comprimido pode ser entendido como substância medicamentosa aglomerada por compressão ou substâncias comprimidas como ato de redução do volume, aperto, compactação. Em um segundo plano, comprimido também indica um estado de opressão vivenciado pelo homem pós-moderno, fruto de sua convocação para responder de forma proativa a uma realidade que lhe demanda um corpo além de suas possibilidades. Em relação à dimensão teórica, trabalhamos a compressão dos eixos espaço-temporais e seus desdobramentos a partir da digitalização da cultura (CHANDLER; FUCHS, 2019) ou daquilo que Castells (2009) denomina como sociedade em rede ou informacional.

Isso nos permite problematizar uma ética que emerge das dinâmicas de visibilidade da performance possíveis na sociedade digitalizada e em rede. No entanto, cabe resenhar algumas questões sobre a natureza deste trabalho. No que se refere à dimensão metodológica, rastreamos alguns exemplos a partir do documentário *Take Your Pills* que dão conta do fenômeno estudado. É com essa produção cultural que estruturamos a maior parte de nosso diálogo. Trata-se, contudo, de um esforço de ilustração, cujo objetivo é ser um ponto de partida para uma discussão teórica acerca do tema da medicalização da condição pós-moderna, do emprego de uma tecnologia social como meio para alcançar um fim, seja este o “ser saudável”, “jovem”, “potente” ou outros ideais prescritivos que decorrem de tal visada ética. Quando possível, complementaremos a ilustração centrada no documentário com outros exemplos. Este é, portanto, um ensaio. Assim, não há uma empiria com todo o rigor científico. Sem dúvida, trata-se de uma limitação, dirão os cientificistas de plantão. Este trabalho busca, em suma, realizar um esforço teórico que aproxime campos do saber díscolo, dirão humanistas em nossa defesa. Seja como for, essas são as bases teórico-metodológicas do nosso mal-estar. Passemos ao outro mal-estar que nos impele. Um pouco mais amplo.

A partir da década de 70 do século passado observa-se uma reorganização do capitalismo para seu estágio atual de acumulação flexível, baseado em novas formas organizacionais descentralizadas, em novas tecnologias produtivas e informacionais, na aceleração dos tempos de giro do capital, na desmaterialização da moeda, na fragmentação dos discursos universais fundantes do projeto modernista e na explosão de uma

produção de imagens, de signos e de estilos de vida, que desorientam as práticas político-econômicas e o próprio sujeito. (HARD; NEGRI, 2000) É desse processo que emerge uma condição pós-moderna, com novas formas de pensar, de sentir e de agir sobre um mundo onde tempo e espaço foram comprimidos. (HARVEY, 1992) Por isso, ainda que seja um conceito escorregadio, é forçoso admitir o advento de uma ética pós-moderna se tomarmos o entendimento que “a ética não é só pensamento sobre a vida. Não é só deliberação sobre a vida. É também prática. A própria vida quando escolhida com a alma”. (BARROS FILHO; PERES-NETO, 2019, p. 75)

O contexto do surgimento dessa ética pós-moderna, assim como a definição da mesma não são claros. Tal ética, no entanto, estaria relacionada com um novo espírito do tempo, próprio da condição pós-moderna. Autores como Byul-Chul Han (2012), Aidar Prado (2013) ou Vladmir Safatle (2015) defendem que a contemporaneidade e suas afetações desenvolvem nos sujeitos a busca incessante pela performance, azeitada culturalmente pelo discurso neoliberal capitalista. Consequentemente, e já entrando na discussão que nos ocupa, tomar comprimidos, pílulas, passa a ser uma condição química para compensar uma falta moral e nutrir o corpo com aquilo que buscamos e não encontramos. O corpo converte-se em um sistema de *in-puts* e *out-puts*. Esse mecanismo de ajuste se encontra em pleno processo de sofisticação. O *upgrade* nessa mensuração das métricas “saudáveis” do corpo e do estado ideal de produtividade ocorre com o desenvolvimento dos aplicativos de monitoramento, como discute Deborah Lupton (2012). Neste sentido, o monitoramento por aplicativos viabiliza um sistema que pode ser controlado, mas principalmente, que pode ser corrigido e em *real time*, como defende a autora.

Trata-se, pois, do empoderamento do indivíduo sobre o corpo. Mas, quando só existe um corpo possível, aquele que é produto midiático e veículo moralizante, elimina-se justamente o livre-arbítrio. Neste paradoxo, tecnologias sociais como comprimidos tornam-se um remédio ambíguo. A despeito do que digam os especialistas em nutrição, se a alimentação se mostra ineficiente para o que a cultura *mainstream* impõe como normativa de “saudável”, busquemos nas pílulas, comprimidos e suplementos o tratamento instantâneo para restituição da energia e disposição capazes de nos mantermos funcionais e produtivos. Um fetiche neoliberal, próprio

da cultura do novo capitalismo – descrito com precisão por Sennett (2008) – e que escraviza o corpo às performances produtivas.

Cabe, aqui, uma matização. O olhar dos autores deste texto parte do campo da Comunicação. Sabemos da existência de diferenças entre suplementos e complementos nutricionais. Neste capítulo, contudo, pedimos um salvo-conduto epistemológico aos guardiões do campo da Alimentação e Nutrição. Em nome da interdisciplinaridade, abordaremos ambos em conjunto, a despeito das não pequenas diferenças conceituais. Porque o que nos interessa, aqui, é tratar o fenômeno comunicacional que subjaz a propagação da prescrição e consumo desses comprimidos – sejam eles suplementos ou complementos – para nutrir essa ética pós-moderna medicamental. Fenômeno este que, como bem descreve Camargo Júnior, (2013), trata-se de uma patologia própria de um capitalismo medicamental.

Cumprir uma agenda “24/7” (ou seja, 24 horas, 7 dias, sem descanso) deixa, segundo a comunicação de alguns comprimidos, de ser um problema. Nem mesmo a gripe pode com a potência de uma pílula. A campanha do medicamento Advil no Brasil, por exemplo, indica: “não deixe a dor parar você”. E vai além: “treine mais rápido”. As câimbras e o excesso de ácido láctico nos músculos serão removidos. O descanso, o ócio perdem a razão de ser. O corpo, bastião da autonomia moral e biopolítica defendida como legado iluminista no século XX, deixa de sê-lo para transformar-se num meio para a obtenção da performance como único fim legítimo, como lucidamente criticou Cray (2014), entre outros. Isso inclui a produtividade no trabalho, nosso foco principal nesse texto, mas também a performance sexual e o envelhecimento, em um fenômeno global. O anúncio de Viagra veiculado no México e analisado por Wentzell (2017) é um exemplo. Na imposição de uma performance que desafia o tempo, o anúncio traz um homem dormindo de bruços, pós-sexo, com as costas arranhadas e um bilhete “Obrigada, você foi incrível! Agiu como se tivesse vinte”.

A versão 50+ do complexo vitamínico Centrum, analisada por Higgs e demais autores (2017), é outro bom exemplo, agora relacionado diretamente ao comprometimento da funcionalidade do corpo devido ao envelhecimento. Os autores argumentam que criar um complexo cujo *target* é o público mais velho cria uma ideia de que as necessidades nutricionais desta população são diferentes. Abre-se assim um novo mercado que não

visa transformações na produção e consumo de alimentos, mas na suplementação do corpo para que ele prolongue sua autonomia e mantenha uma performance cujo imaginário é disseminado midiaticamente. O site britânico de Centrum expande essa promessa para outras faixas etárias.¹ A página principal do site posiciona a marca como “sua parceira para um estilo de vida saudável” e apresenta um *quiz* para recebimento de recomendações pessoais, cuja primeira pergunta é “Quão em forma você se sente?”, seguida das opções “Não tão em forma”, “Em forma”, “Cheio de vitalidade”. Na perspectiva de uma lógica prescritiva de um estilo de vida saudável focado na produtividade, a expressão “em forma” também simboliza “em conformidade”. Essa análise é ainda mais plausível se consideramos o idioma original do site, que usa a palavra em inglês *fit*. O termo traz em si essa dualidade. *Fit* também pode significar “ajustar-se”. Nesse exercício de leitura crítica, a companhia de suplementos vitamínicos já apresenta uma graduação de performances possíveis. Da inadequada “*Not Fit*”, da ajustada “*Fit*” e da superlativa “*Full of Vitality*”.

O documentário *Take Your Pills* (2018) é o exemplo que recoloca nossa discussão no campo do trabalho, da produção e da produtividade. Coproduzido e exibido pela Netflix, a obra trata da administração voluntária de estimulantes nos Estados Unidos para expansão do potencial cognitivo e consequente aumento da produtividade neste mesmo cenário pós-moderno de alta conectividade, alta velocidade e alta performance.

Um caminho metodológico possível no diálogo com esse objeto, seria tratar as denúncias da medicalização crescente da sociedade relatadas como uma doença causada pela condição pós-moderna e agravada por seu *modus operandi*. Propomos, entretanto, uma inversão de perspectiva. Trataremos o fenômeno da estimulação medicamentosa, especialmente aquela centrada no consumo de suplementos nutricionais, como sintoma a fim de sistematizar e explorar um quadro de anomalias múltiplas instauradas nas esferas do trabalho, da subjetividade e da sexualidade na pós-modernidade. Para tanto, cabe antes matizar de que pós-modernidade estamos falando. Ademais, como já dissemos, incorremos numa generalização acerca da categoria “suplementos alimentares”, entendendo-os

1 Institucional Centrum, versão britânica. Ver: <https://www.centrum.co.uk>

como todos os produtos cuja publicidade (e, portanto, a sua própria comunicação) afirma que tal mercadoria oferece suprir, acrescentar ou complementar. Entendemos que há na literatura do campo da Nutrição matizes em torno de tais categorias. Contudo, aferramo-nos à definição semântica do termo suplementação, entendida como algo que “acrescenta ou adiciona, sinônimos de complementar, adicional ou suplementar”. (HOUAISS, 2019) Tal aposta se dá pela suposição de que a publicização de tais produtos opera mais próximo do termo dicionarizado do que da definição dos especialistas.

DIAGNÓSTICO I: PÓS-MODERNIDADE E SOCIEDADE DE CONSUMO

Juntamente com Jameson (1996), creditamos o surgimento da pós-modernidade a uma nova fase do capitalismo “avançado, multinacional e de consumo”, à qual o autor chama de capitalismo tardio. Sua lógica é a própria lógica da sociedade de consumo, na qual a produção cultural ocupa papel central. Neste sentido, aquilo que se coloca à venda não são mais mercadorias em si. Mais do que isso, um regime midiático embricado com a moda e a propaganda operam na produção e circulação de sistemas de signos e de estilos de vida que se abrem ao consumo. Baudrillard (1992) aponta que essa lógica culmina na hiperestetização do real e em uma explosão de imagens ofertadas para consumo que levam a uma crise de representação do próprio sujeito. Tanto um quanto outro autor vão tratar de uma conseqüente experiência de superficialidade decorrente da perda do lastro histórico, dos referenciais culturais e dos significados em uma saturação informacional que instaura um sem-número de possibilidades presentes. Fica a materialidade. Perde-se a memória e a viabilidade de uma existência em profundidade.

Para Baudrillard, essa superficialidade será ainda vivida na simulação, no “encadeamento das coisas como se elas tivessem um sentido, quando elas apenas são regidas pela montagem artificial, pelo absurdo”. (BAUDRILLARD, 1992, p. 28) Como o sujeito que perdeu o lastro com o real, para o autor, “o que procuramos já não é a glória, mas a identidade, já não é uma ilusão, mas ao contrário, uma acumulação de provas, tudo o que

pode servir de testemunho de uma existência histórica”. (BAUDRILLARD, 1992, p. 37) Para Jameson (1996), essa superficialidade comprometerá a própria linguagem, resultando em uma experiência esquizofrênica na qual a leitura do mundo perde o caráter relacional do texto para tornar-se um processo que se articula apenas no nível da diferenciação daqueles significantes sem significados que se apresentam todos ao mesmo tempo, desrealizando o real e transformando-o em uma imagem que se exhibe inerte, configurando aquilo que o autor chama de “imperativo do impossível” para a tomada da consciência. Trata-se, pois, de um simulacro com o qual se dá um contato intenso, hilariante, eufórico. Voltaremos a este ponto mais adiante, quando abordarmos a economia de atenção. E se postergarmos pela segunda vez a entrada analítica no objeto que escolhemos para esse diálogo é somente para exercitarmos o próprio mecanismo excitação-frustração que embala a sociedade de consumo (PRECIADO, 2018) e que instaura a ansiedade necessária para a ingestão da primeira pílula.

DIAGNÓSTICO II: O MUNDO AQUI E AGORA

A produção e o consumo de imagens desconcertantes na sociedade de consumo devem ser entendidos na sua relação com a compressão espaço-temporal de que tratamos anteriormente. Santos (2012) aborda a importância dessa circulação para a própria construção do imaginário de um mundo globalizado, totalizante, viabilizado pelo avanço tecnocientífico, a partir do qual dinheiro e a informação são mundializados. A ideia de uma civilização planetária e desse mundo fluido, com fronteiras porosas, enfraquece os estados nacionais, configurando novos estados flexíveis, condicionados pelo e a serviço do capital, perspectiva com a qual compartilha Harvey (1992). Esse esvaziamento do papel do Estado na gestão da vida coletiva culminará, segundo Sennett (2008), para o Estado mínimo, que tornará o cidadão responsável por seu bem-estar, por sua saúde, por sua autonomia. Essa dissolução resultará também para Santos (2012) no aprofundamento da competitividade, quando as oportunidades passam a ser divididas globalmente - gerando a angústia, o ódio ao estrangeiro e o fantasma da inutilidade tratados ainda por Sennett (2008) ao analisar o trabalho nas organizações flexíveis do capital mundializado.

Nessa totalidade-mundo de ameaças e oportunidades compartilhadas, Santos (2012) também identifica uma experiência esquizofrênica do espaço, quando o indivíduo sobrepõe dois pertencimentos: como cidadão do lugar e como cidadão do mundo, conciliando na vida cotidiana um lugar vivido e um lugar global. O autor reforça, entretanto, que essa experiência de fluidez e velocidade prometida pela globalização não se distribui de forma igualitária para todos. Ao contrário, dilata as desigualdades, seja pela dificuldade de acesso, seja pela divisão de papéis que o próprio acesso define. Ao tratar particularmente da perspectiva “difundida com exuberância, de que a velocidade constitui um dado irreversível da história” (SANTOS, 2012, p. 59), reafirma que essa experiência do *real time* é vivida mais como promessa do que de forma efetiva por grande parte da população, concluindo que trata-se de uma “fluidez potencial” transformada em “fluidez efetiva” pela “família dos imaginários da globalização”.

A esta família dos imaginários, adicionaremos mais uma variante: a do sublime tecnológico. (JAMESON, 1996) O processo de mundialização da cultura e do capital está ancorado no avanço tecnocientífico que culminou na viabilização de uma rede de comunicação global. É essa rede conectada que pulveriza as fronteiras e que coloca informações, ideias, imagens e o próprio capital em circulação, com tal velocidade e capilaridade, que cunha um espaço totalizante que nunca dorme. Produzimos e consumimos 24 horas por dia, 7 dias da semana. E isso implica a produção e consumo de nós mesmos nos ambientes digitais e redes sociais que incluem uma nova camada de tempo e espaço a nossas identidades. O sublime tecnológico tratado por Jameson (1996) diz respeito justamente à magnitude dessa rede tecnológica e comunicacional – que simboliza a própria grandeza do capitalismo multinacional atual – e nossa incapacidade de representá-la e assimilá-la. Trata-se, pois, de uma grande narrativa que habita o imaginário da globalização do mundo, cuja complexidade está além de nossas possibilidades de leitura e compreensão. Nas palavras do autor, “não temos ainda o equipamento perceptível necessário para enfrentar esse novo hiperespaço”. (JAMESON, 1996, p. 65) É esta deficiência que, propomos, será suplementada quimicamente pela indústria farmacêutica e nutricional, potencializada no mecanismo masturbatório da sociedade de consumo. (PRECIADO, 2018).

PRESCRIÇÃO: TOME SUAS PÍLULAS

Take Your Pills (2018) é uma produção original Netflix dirigida por Alison Kalyman. O documentário trata de como o uso de estimulantes foi naturalizado na sociedade norte-americana como alternativa justamente para este indivíduo, cuja capacidade cognitiva parece insuficiente para lidar com a realidade hiperconectada, de tempo comprimido, altamente competitiva e permeada por um fluxo dantesco de imagens, estímulos, informações e demandas, que resulta na condição pós-moderna de que tratamos.

No referido documentário, os pesquisadores, psicólogos, neurologistas, pediatras e jornalistas remontam a história da anfetamina desde sua criação até sua disseminação na fórmula comercializada como *Adderall*, cujo consumo é abordado no documentário a partir da narrativa de vida de estudantes, programadores de *software*, analistas financeiros, atletas e empresários. Entre os relatos dos usuários, está a angústia de “ser bom em tudo”, de “fazer o trabalho que precisa ser feito”, mas também o desejo de se tornarem mais inteligentes, de terem respostas mais rápidas, de serem mais focados e de manterem uma performance *sobre-humana* que lhes garanta os resultados que precisam para se manterem entre a elite nas atividades de ponta em que atuam. Nas palavras da Dra. Wendy Brown, pesquisadora política da UC Berkeley que participa do documentário, esta angústia se refere à interiorização do dever de “se concentrar para ter o melhor desempenho possível, durante o tempo que for necessário. Seja um investimento bancário ou um dever de casa, a pergunta é: como você pode terminar entre os primeiros?”

Para entendermos como o *Adderall* se tornou “a droga da nossa era”, bem como sua potência e seus efeitos colaterais, refaremos o mesmo percurso histórico da droga percorrido pelo documentário, o qual identificamos aqui como fonte de todas as informações que se seguem. A anfetamina, componente do *Adderall*, foi sintetizada pela primeira vez em 1929 pelo bioquímico Dr. Gordon Alles, resultando em um remédio controlado que, em meados dos anos 1930, foi lançado pelos laboratórios *Smith Kline & French* como o descongestionante nasal *Benzedrin* – cujo fácil acesso era viabilizado pelos “médicos das famílias” norte-americanas.

A Alemanha fez uso da anfetamina em cadetes já na Segunda Guerra Mundial, e os britânicos foram os primeiros a transformar a descoberta em comprimidos no pós-guerra, seguidos pelos Estados Unidos. Em pouco tempo, ao lado do *Benzedrin*, foi lançado o *Dexedrine*, divulgado como uma alternativa para a fadiga, para a depressão leve e para a perda de peso. Segundo o documentário, os efeitos da anfetamina como estimulante colaborou para o sonho americano de motivação e ambição e para o desejo de “ser produtivo e trabalhador, de fazer a venda, de cumprir o trabalho”. Já em 1937, a Revista *Time* publicou o primeiro artigo sobre abuso de anfetamina nas faculdades e a partir daí o consumo da substância entrou em uma curva crescente, ganhando também artistas e celebridades como os Beatles, Andy Warhol, Edie Sedgwick, Brigid Polk, Charlie Parker, Jack Kerouac e Frank Zappa.

Em 1969, o ápice da epidemia farmacêutica de anfetaminas contabilizou a produção anual de 8 bilhões de pílulas na indústria americana. Após certa pressão social, a substância foi reclassificada como substância de categoria 2 de controle e sua produção foi limitada, caindo para 400 milhões em 1972. A produção e consumo da anfetamina ganhou novo impulso como tratamento de crianças diagnosticadas com Transtorno de Atenção (TDA) e Transtorno de Atenção e Hiperatividade (TDAH) na década de 1990, nesse momento já com o nome de *Adderall*. A promessa do medicamento eram duas: melhor desempenho na escola, mas também conferir maior docilidade às crianças com comportamentos desviantes. Em 1990, 600 mil crianças usavam estimulantes nos Estados Unidos. Em 2011, eram 3,5 milhões, sendo um terço delas diagnosticadas antes dos seis anos. Apesar disso, os adultos são hoje a maior parte da população americana sob a prescrição de estimulantes.

Ao contrário da péssima reputação da metanfetamina, associada ao tráfico de drogas e aos laboratórios clandestinos (apesar de presente em medicamentos como a *Ritalina* e o *Concerta*), a anfetamina é culturalmente associada a outros círculos sociais, às pessoas produtivas, às pessoas admiradas na sociedade norte-americana. Foi para aumentar a performance dessa elite produtiva que o *Adderall* foi naturalizado como suplemento para a cognição humana. Como o documentário aponta, a droga viabiliza a resposta às exigências crescentes de eficiência ao mesmo tempo que

coloca em cheque a própria meritocracia da sociedade norte-americana, reforçando privilégios, uma vez que a prescrição depende da negociação com os médicos certos, que facilitam o acesso ao estimulante. Por conta disso, principalmente entre os universitários e atletas, houve uma corrida pela simulação de TDA e TDAH para o acesso legal ao medicamento.

Enxergando uma oportunidade de mercado, a *startup* americana responsável pelo estimulante *Optimind LP* chega ao mercado com o “objetivo de ajudar pessoas saudáveis a alcançarem suas metas”. De acordo com um de seus fundadores, “nossa definição de medicação mudou; é praticamente impossível não recorrer a estimulantes. O aprimoramento cognitivo não vai acabar; é o futuro da espécie humana”. Na época do documentário, a *Optimind LP* operava seu *e-commerce* nos Estados Unidos com a promessa “*Unleash your Mind*”.² Hoje o portfólio de produtos se diversificou e é produzido pelo laboratório *Alternascript*. O site *getoptimind.com* continua ativo, apresentando outras promessas.³ Um dos medicamentos traz o imperativo “*Enhance your focus*” (Melhore seu foco - tradução nossa) e os benefícios: 1) energiza seu dia, para que as coisas a fazer sejam feitas; 2) melhora o foco sem tirar sua criatividade; 3) liberta sua mente para suportar picos de performance. Como alternativa à política dos grandes laboratórios, e agora também das *startups*, o documentário *Take Your Pills* apresenta como o uso de microdoses de LSD ganha corpo. Um dos entrevistados do aludido documentário, por exemplo, tritura seus próprios cogumelos e os divide em cápsulas para aguentar a pressão do trabalho em uma cultura em que “tudo é pra ontem”.

Como proposto no início deste trabalho, escolhemos mobilizar o fenômeno do *Adderall* não apenas como uma consequência-doença, mas como um sintoma, uma oportunidade para diagnosticar outras rupturas da sociedade pós-moderna. É o que faremos a seguir quando abordaremos as mudanças no trabalho (SENNETT, 2008), a cultura do espetáculo (COSTA, 2005) e a consolidação de uma política farmacoponográfica. (PRECIADO, 2018)

2 Liberte sua mente (tradução nossa).

3 O site *getoptimind.com* é automaticamente direcionado para dentro do site do laboratório. Ver: <https://www.alternascript.com/products/optimind>.

DOSE 1: TALENTO

Sennett (2008) analisa a mudança nas estruturas das instituições e da sociedade na fase do capitalismo flexível e seus efeitos para os indivíduos e cidadãos. Sua tese é de que, nas estruturas flexíveis das empresas de ponta, as tarefas se tornam imediatistas e voltadas para os resultados a curto prazo, impossibilitando a criação de vínculos com a instituição e a narrativa identitária a partir do trabalho. Nesta visada, os indivíduos deixam de ser valorizados pela perícia enquanto técnica acumulada e aperfeiçoada no tempo e motivada pelo comprometimento com o fazer. No lugar do perito, segundo o autor, serão valorizados aqueles que possuam o talento para se integrarem em equipes e projetos sem vínculos, passando de uma tarefa para outra com rapidez e com alguns agravantes: esses indivíduos estão inseridos em um contexto globalizado (da produção, do mercado, das finanças), altamente conectado pelas novas tecnologias comunicacionais, que comprimem o tempo de resposta e expandem a jornada de trabalho ao integrarem e-mails e derivados - e, atualmente, os smartphones. Em *Take Your Pills*, por exemplo, dois dos usuários de *Adderall* (um programador e um analista financeiro) declaram que se espera que eles produzam durante uma jornada de 16 horas de trabalho diárias e um deles reforça que a expectativa é que se esteja disponível 7 dias por semana. Além da jornada expandida, um empresário ouvido no documentário atribui seu consumo de *Adderall* às demandas de “uma sociedade do minuto”, cujo fluxo de informações diminui a capacidade de concentração do indivíduo, criando a sensação de um déficit de atenção coletivo que deve ser corrigido para adequar-se às pressões de um trabalho que exige respostas imediatas.

Além do imperativo da performance, esse indivíduo também responde às demandas de uma economia liberal de Estado mínimo, na qual segue duplamente à deriva: sem a proteção do esvaziado *Welfare State* e sem as garantias do modelo de empregos vitalícios, extinto nas instituições flexíveis. (SENNETT, 2008) Por conseguinte, espera-se que este indivíduo se torne um empreendedor de si mesmo e que se supere todos os dias. Ou, como propõe Sennett (2008), assiste-se à disseminação de um ideal de individualidade, no qual o indivíduo assume a responsabilidade

por adquirir constantemente novas habilidades e capacitações. Esse empreendedorismo, como ilustrado em *Take Your Pills*, pode assumir diferentes formas, incluindo o empreendedorismo empregado na expansão da própria habilidade cognitiva e da capacidade limítrofe do corpo pela suplementação com estimulantes.

Essa prática é potencializada na fala da pesquisadora política da UC Berkeley, Dra. Wendy Brown, que afirma que “o problema não é a menor oferta de empregos ou de vagas na faculdade; é que vivemos em um mundo altamente competitivo e tal competição não é apenas para entrar: a competição nunca termina”. É nesse ambiente ambíguo, onde o talento de ser proativo torna-se o *modus operandi*, que Sennett (2008) identifica o crescimento da angústia, do estresse e da ansiedade e propõe o surgimento do “fantasma da inutilidade”, que trata da potencial obsolescência do sujeito frente a uma possível queda de performance. Essa ameaça é alimentada pelo imaginário dessa sociedade globalizada e hiperconectada, onde o indivíduo pode ser substituído por outro, mesmo que este outro esteja do outro lado do planeta. Essa angústia também está presente nas histórias de vida do documentário, apresentando-se como determinante para o consumo de *Adderall* e para a corrida desses empreendedores de si por serem incessantemente melhores em tudo.

Além disso, aderir ou não à medicalização traz também questões morais, levantadas em *Take Your Pills*. Por um lado, como apontaram alguns dos entrevistados sob medicação, não aderir à medicalização imputa aos indivíduos uma fraqueza ou uma negligência sobre o potencial que poderia ser expandido e prolongado quimicamente. Por outro, há a questão da perda do prestígio moral decorrente da crença no caráter inerente ao trabalho de perícia (SENNETT, 2008), uma vez que os usuários não se reconhecem como protagonista do que produzem e das conquistas que acumulam. Como uma das universitárias relata no documentário: “me entristece saber que eu não consegui isso sozinha. Fui eu e o *Adderall*”. Essa coparticipação nos resultados coloca em cheque a própria meritocracia implicada nas estruturas flexíveis.

Sennett (2008) retoma o processo de objetificação do fracasso desde os primeiros testes de habilidades aplicados pelo exército, de como o talento foi equiparado ao mérito e de como sua busca constrói desde então

um discurso de inclusão, já que os critérios de avaliação são padronizados para qualquer indivíduo de qualquer classe social, tornando científica e imparcial a valorização da inteligência e da criatividade: “os mesmos testes, avaliações e datas importantes que recompensam os melhores servem de base para descartar outros, abaixo desse nível de elite”. (SENNETT, 2008, p. 106) E se inteligência e criatividade são identificadas como talentos é só porque elas passam a denotar uma “aptidão de processar e interpretar conjuntos de informação e de práticas permanentemente em evolução”. (SENNETT, 2008, p. 107) Nesse sentido, não se trata de um talento específico, mas de uma aptidão potencial para aderir a demandas que se impõem constantemente. Estamos falando, portanto, de um potencial de concentração, de disposição e de resposta, que são justamente a contrapartida prometida pelos estimulantes.

Em *Take Your Pills*, entretanto, a meritocracia é posta em xeque duplamente quando esta se coloca sob os efeitos do *Adderall*. Primeiro porque, como ressaltamos anteriormente, o acesso ao medicamento e aos médicos aptos à prescrição é desigual entre as classes sociais. E segundo porque se a aptidão potencial é a do medicamento, o “mérito” não diz respeito mais às pessoas. Nesse sentido, as perguntas levantadas pelo documentário são: quais são as novas condições de igualdade e, principalmente, qual desempenho passa a ser valorizado nessa sociedade competitiva e medicalizada? Como se questiona um dos usuários de *Adderall*: “eu estou trapaceando?”

DOSE 2: VISIBILIDADE

Com *Take Your Pills*, é possível propor que essa concorrência desleal turbinada pela suplementação química de estimulantes seja consequência do crescimento da concorrência por oportunidades e da dissolução dos valores tradicionais nessa nação-mundo hiperconectada e hipercompetitiva. Nesta perspectiva, juntamente com o *Adderall*, estariam também outros consumos, como o de objetos supérfluos e de imagens corporais midiáticas, cujo somatório culminaria para o consumismo e para sua potencialização a partir de uma lógica hedonista-narcisista a qual: 1) subordinaria o princípio de utilidade ao de felicidade em uma nova moral que visa o prazer e repele a dor; 2) estimularia a experimentação de tudo

na busca de se saciar um desejo pessoal por diferenciação social; 3) estruturaria o consumo em um mecanismo de gratificação que na verdade alcança o prazer e não a satisfação; e 4) transformaria a insatisfação emocional no grande motor que retroalimenta o consumismo.

Costa (2005) não aborda o consumo de *Adderall*, mas é ele quem constrói todo esse percurso ao dialogar com pensadores como Hannah Arendt, Baudrillard e Campbell para tentar entender justamente a relação histórica e psicológica que construímos com o consumismo até chegarmos ao consumo marcante do supérfluo e das imagens do corpo. O autor aborda esse fenômeno a partir de sua proposta de que a lógica hedonista-narcisista e seus desdobramentos estruturaram uma moral do espetáculo, a qual desloca a função dos objetos: da materialização e visibilidade de ideais éticos, crenças e sentimentos para a comunicação de uma admiração e de uma comunhão com aqueles cujos estilos de vida passam a ser apresentados midiaticamente como modelos de sucesso e de felicidade. Para o autor, a questão central aqui perpassa o entendimento de como esses objetos consumíveis e consumidos participam “na gestão, manutenção e reprodução de nossos ideais de eu” (COSTA, 2005, p. 163) e isso inclui também a reflexão sobre o que passam a ser esses ideais.

Corroborando com Sennett (2008), Costa (2005) assume que satisfação é compatível com consumo e analisa qual é a satisfação obrigatória que a lógica do espetáculo põe em jogo. Neste sentido, propõe que, em um regime de espetacularização do eu, as apropriações vinculadas ao consumo passam a ter como função a materialização não de uma essência, nem de um bem-comum, mas de uma aparência valorizada pela mídia. Como causas desse processo, apresenta: as mudanças da perícia para a capacitação teorizadas por Sennett (2008), que implicam o esvaziamento do trabalho como produtor de caráter e como criador de vínculos; as mudanças na apresentação da imagem do corpo pelo discurso midiático com a equiparação de predicados corporais e de sucesso social, os quais reposicionam o cuidar de si no cuidado do corpo; e a substituição da autoridade pela celebridade, cuja equivalência é estruturada pelo discurso da moda e da ciência, culminando em modelos prescritivos que equiparam visibilidade a sucesso.

Em *Take Your Pills*, é possível contextualizar o consumo de estimulantes na sociedade do espetáculo teorizada por Costa (2005). Nela, como vimos, os objetos deixam de materializar méritos morais ou sociais e assumem o papel de meros instrumentos empregados no estímulo do corpo, na tentativa de reproduzir neles um sentimento de semelhança com aqueles outros corpos supervalorizados: os corpos vencedores, os corpos midiáticos, os corpos visíveis. Neste sentido, o consumo de *Adderall* vai justamente transformar a potência do corpo de usuários para que eles possam reproduzir a performance daqueles corpos que são apresentados socialmente como modelos de produtividade, contribuindo para os imaginários do sucesso. Nas falas dos usuários, por exemplo, é possível identificar essa conformação. O programador fala do imaginário dos programadores que trabalham 16 horas por dia até conceberem um código inteiro, perfeito, como uma sinfonia de Mozart. O analista financeiro fala do corpo incansável do analista ideal, que trabalha também 16 horas por dia e que nunca diz não. O atleta se refere às características sobre-humanas que devem ser perseguidas pelos atletas da liga profissional de futebol americano e por todos aqueles que aspiram participar dela. E a universitária trata da imagem do universitário onipresente, que alia a melhor performance em notas com um Instagram que prova e promove sua competência para conciliar a vida social e a produtividade esperada no *campus*.

Dessa desmaterialização, é possível propor que a lógica hedonista descarta a felicidade sentimental, que se mantém presente nas narrativas e na memória mesmo depois do ato do consumo, mesmo na ausência do objeto. Em seu lugar, apresenta-se uma felicidade sensorial, instrumentalizada, que dura o instante do gozo e que exige sempre a presença física do objeto estimulante. (COSTA, 2005) Por conta disso, propomos, observa-se um crescente nas doses ministradas pelos usuários em *Take Your Pills*, justamente pela impossibilidade de se lidar com a ausência do objeto-comprimido e de se prolongar aqueles efeitos sensoriais simuladores dessa nova felicidade (ou dessa nova performatização da felicidade). Entre uma ingestão e outra, há relatos de depressão e é nessa fenda que a indústria farmacêutica vai despejar todo o seu arsenal em prol da manutenção da produtividade *always on*.

DOSE 3: FELICIDADE

A partir da análise do conteúdo do *World Economic Forum*, de 2014, Davies (2015) se propõe a explicar de que maneira o bem-estar se tornou uma preocupação das elites político-financeiras no século XIX e como houve uma corrida pela mensuração de índices de felicidade e sua relação com o trabalho e o consumo. Com relação a 2008, por exemplo, as palestras e temas relacionados com o bem-estar dobraram em 2014, ano em que, entre presidentes, celebridades e bilionários, um monge budista foi o convidado com maior destaque no evento. O autor não trata, portanto, da felicidade construída como promessa e agregada como a camada superficial a produtos pela propaganda, nem da felicidade sentimental proposta por Costa (2005) com suas teias de afetos e memórias que conduzem ao autoconhecimento. Sua proposta é tratar de uma felicidade paliativa, construída discursivamente e ofertada (em forma de condutas ou de medicação) como alternativa para a manutenção da produtividade e do próprio consumo.

Ao analisar a depressão, o estresse e a ansiedade gerados pelo novo modelo de trabalho nas instituições flexíveis, pelo ambiente hiperconectado e globalizado e pela proliferação de imagens que prescrevem modelos de sucesso, e tratadas por nós anteriormente, Davies (2015) propõe duas saídas usando o levantamento de pesos como metáfora para a capacidade humana de se ajustar a este contexto:

Se o levantamento de pesos se torna muito doloroso, você tem duas alternativas: reduzir o peso ou prestar menos atenção à dor. No começo do século XIX, observa-se o crescimento de um grupo de experts no treinamento da ‘resiliência’, do bem-estar mental e de terapias comportamentais-cognitivas, cujo aconselhamento procura guiar os indivíduos para que eles optem pela segunda estratégia.⁴ (DAVIES, 2015, p. 35, tradução nossa)

4 “If lifting weights becomes too painful, you’re faced with a choice: reduce the size of the weight, or pay less attention to the pain. In the early twenty-first century, there is a growing body of experts in ‘resilience’ training, mindfulness and cognitive behavioural therapy whose advice is to opt for the latter strategy”. (DAVIES, 2015, p. 35)

Optar por prestar menos atenção à dor – causada pela sobrecarga produtiva ou pela capacidade cognitiva humana distendida aos moldes sobre-humanos – é uma estratégia que pode ser viabilizada de três maneiras: a partir da medicalização da sociedade (suplementação química), a partir de uma excitação máxima, capaz de canalizar a atenção da dor para o gozo, ou a partir da junção dessas duas alternativas. É dessa combinação que Preciado (2018) propõe nossa entrada em uma era farmacopornográfica que caminha no sentido da excitação, do enquadramento e da docilização das subjetividades – primeiro pela suplementação química, segundo pela explosão da representação pornográfica dos corpos. O autor vai situar sua proposta no regime pós-industrial e globalizado, com uma guinada no que vislumbra ser a grande produção do capitalismo atual.

Nesse sentido, afasta-se da proposta de que vivemos um capitalismo-cognitivo, no qual a grande produção é um trabalho imaterial (símbolos, linguagens, afetos) decorrente da colaboração entre os cérebros. Em seu lugar, Preciado (2018) propõe nossa inserção em um biocapitalismo, que se estruturaria na colaboração entre corpos autopornográficos, conectados em uma grande cadeia de colaboração masturbatória que mobilizará a potência de excitação dos corpos (força-orgásmica) para o controle do prazer, da ejaculação, dos afetos narcosexuais e da própria subjetividade. Por conseguinte, o grande trabalho realizado neste biocapitalismo é o de se empregar na excitação de si, ou na excitação do outro, ou na excitação com o outro, não havendo diferenciação entre uma relação ou outra.

Esse mecanismo reproduz o *modus operandi* excitação-frustração que nunca se completa totalmente no consumo, porque só produz a felicidade sensorial, efêmera, imediatista e instrumentalizada de que tratamos anteriormente. (COSTA, 2005) Por outro lado, o binômio excitação-frustração também não pode se completar no trabalho de perícia, capaz de produzir caráter e de promover prazer no próprio fazer, já que este também foi substituído por um trabalho efêmero, imediatista e estruturado na promessa de uma capacitação que, quando se realiza, é só para ser descartada. E é nesse imbróglie que a indústria farmacêutica vem colaborar com a lógica pornográfica, suplementando quimicamente os indivíduos para que eles não parem na fase de frustração, mas que se mantenham em movimento. Nesta perspectiva, como propõe Preciado (2018, p. 36), emerge

um “conjunto de dispositivos microprotéticos de controle da subjetividade por meio de novos protocolos técnicos, biomoleculares e multimídia”, no qual a subjetividade passa a ser definida em seu estado ciborgue de suplementação química, do analgésico ao estimulante. Por conseguinte, a experiência subjetiva será reduzida à substância consumida: a depressão reduzida ao Prozac, a disfunção erétil ao Viagra, a maternidade à Pílula, a masculinidade à Testosterona. (PRECIADO, 2018)

É entre esses corretivos que situamos o consumo de estimulantes na sociedade norte-americana retratado pelo documentário *Take Your Pills*. Mais do que um complemento para fazer o que precisa ser feito, no menor tempo possível e com o máximo de atenção, em um contexto globalizado, hiperconectado e hipercompetitivo, drogas como o *Adderall* não operam apenas na manutenção da produtividade, mas na própria manutenção da vida inserida nesse mecanismo de excitação e frustração, no qual o corpo deve ser preservado para poder voltar sempre à excitação, cumprindo sua função maior que é a de consumir e a de ser consumido, exercitando o maior de todos os seus talentos que é o de continuar gozando sem nunca sair desse estado de felicidade sensorial.

APONTAMENTOS FINAIS: POR UMA CRISE GLOBAL DE ABSTINÊNCIA

Há ainda a possibilidade de tecer um amplo diálogo entre a evolução da anfetamina traçada em *Take Your Pills* e o desenvolvimento da pílula anticoncepcional reconstruído por Preciado (2018). Primeiro no que toca aos testes nas populações desviantes usadas como cobaias para o aprimoramento e certificação das drogas (entre negros, hispânicos e estudantes de escolas públicas no caso da anfetamina e entre populações de países subdesenvolvidos, loucos e presos no caso da pílula). Segundo no que toca à normatização de condutas: no controle dos adolescentes cujo comportamento não colaboram com o funcionamento de instituições como as famílias e as escolas em *Take Your Pills* e no controle da libido feminina em Preciado (2018). Entretanto, deixaremos essas duas articulações para trabalhos futuros.

Como apontamentos finais, trataremos não dos desvios ou inadequações, mas das brechas. No encerramento do documentário, a Dra. Wendy Brown, pesquisadora política da UC Berkeley, aborda tudo o que perdemos quando aderimos à obsessão de nos mantermos alertas, focados e produtivos. Segundo ela, é justamente quando deixamos a mente vagar, quando temos tempo para a reflexão e para a contemplação, é justamente nesses momentos em que nos reafirmamos como humanidade em nosso potencial para a criatividade, para a arte, e nos abrimos para “momentos extraordinários de conexão humana”, dos quais resultam alegrias genuínas, mas também dor e sofrimento – que não devem ser evitados, mas compreendidos como inerentes às práticas humanas. Nesta mesma visada, Morin (2009) trata da importância do erro na evolução humana como nosso grande método de aprendizado e de desenvolvimento. É na brecha do erro genuinamente humano que o autor enxerga a oportunidade para grandes saltos qualitativos na nossa relação com o ambiente, com o outro, com a sociedade.

É verdade que pode haver algo de excitação-e-frustração no método tentativa-e-erro. Há, entretanto, algumas diferenças que resumem o percurso que traçamos até aqui. Tentar-e-errar não implica a extinção do trabalho de perícia, nem do prazer em se envolver plenamente no processo, motivado pela simples satisfação de se fazer bem-feito. Tentar-e-errar não implica a cópia de modelos de sucesso nem sua reprodução, mas um tempo empregado na criação de algo novo que operará na própria experiência subjetiva. O gozo decorrente do acerto não é momentâneo. Ele persistirá na memória e na narrativa do acerto, na experiência da felicidade sentimental e autêntica de que trata Costa (2005). E, nesse legado que constitui nossa própria cultura, o erro não será apagado ou suprimido, porque é *per se* constituinte do sucesso, porque sinaliza caminhos que já percorremos e esse é o tipo de economia de tempo e de recursos que não extingue a natureza humana, mas a torna única.

Na medicalização para a produtividade em moldes sobre-humanos, perde-se, propomos, a consciência do processo que passa a ser a justificativa para si mesmo. É consumindo e sendo consumidos pelo processo que integramos o capitalismo pós-industrial, pós-moderno, tardio, cultural,

flexível, farmacopornográfico. E, porque tempo e espaço são comprimidos nesse *modus operandi*, chegamos à nossa condição pós-moderna e dela à atual condição pós-humana: ciborgue, suplementada, cronicamente infeliz.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, C. E. M.; BOSI, M. L. M. Network as transconcept: elements for a conceptual demarcation in the field of public health. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 50, p. 1-6, 2016.
- BARROS FILHO, L.; PERES-NETO, L. *Reputação: um eu fora do meu alcance*. Rio de Janeiro: Harper Collings, 2019.
- BAUDRILLARD, J. *A ilusão do fim*. Lisboa: Terramar, 1992.
- CAMARGO JÚNIOR, K. R. Medicalização, farmacologização e imperialismo sanitário. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 5, p. 844-846, 2013.
- CASTELLS, M. *Communication Power*. Oxford: Oxford university Press, 2009.
- CHANDLER, D.; FUCHS, C. *Digital Objects, Digital Subjects: interdisciplinary perspectives on capitalism, labour and politics in the age of big data*. Londres: University of Westminster Press, 2019.
- COSTA, J. F. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- CRARY, J. *24/7: late capitalism and the ends of sleep*. Londres: Verso, 2014.
- DAVIES, W. *The Happiness Industry: how the government and big business sold us well-being*. Londres: Verso, 2015.
- HAN, B. C. *La sociedad del cansancio*. Barcelona: Herder, 2012.
- HARDT, M.; NEGRI, T. *Império*. Barcelona: Paidós, 2000.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HIGGS, P.; LEONTOWITSCH, M.; STEVENSON, F. et al. Not just old and sick: the 'will to health' in later life. *Ageing and Society*, Cambridge, v. 29, n. 5, p. 687-707, 2009.
- JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.
- LUPTON, D. M-health and health promotion: the digital cyborg and surveillance society. *Social Theory Health*, Basingstoke, v. 10, n. 3, p. 229-244, 2012.

- MORIN, E. *Cultura e barbárie européias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- PRADO, J. L. A. *Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais*. São Paulo: EDUC, 2013.
- PRECIADO, P. B. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- SAFATLE, V. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- SUPLEMNETAÇÃO. In: HOUAISS, Dicionário Online de Português. São Paulo: Objetiva, 2020. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 27 set. 2020.
- SENNETT, R. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2008
- TAKE YOUR PILLS. Direção: Alison Kalyman. Produção: Julie Goldman. United States: Netflix, 2018 (87 min), son., color.
- WENTZELL, E. Erectile Dysfunction as a Successful Ageing in México. In: LAMB, S. *Successful Ageing as a Contemporary Obsession*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2017, p. 68-82.